

## 9 Referências Bibliográficas

AATA - American Art Therapy Association, Inc. **About Art Therapy**. Disponível em: <<http://www.arttherapy.org/about.html>>. Acesso em: 22 nov. 2007.

ALMEIDA JUNIOR, Licínio Nascimento de. Idiossincrasias do Design. In: NOJIMA, Vera Lúcia M. S.; FAGGIANI, Kátia; ALMEIDA JUNIOR, Licínio Nascimento de. (Org.). **Design - Comunicação – Semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. Brasília: Thesaurus. (no prelo)

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 4ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

BECKER, Fernando. O que é construtivismo? **Série Idéias**, São Paulo: FDE, n. 20, p. 87-93, 1994.

BONFIM, Gustavo Amarante. **Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação**. Estudo em Design, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 27-41, dez. 1997.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: UFPR, 2001.

CARRETERO, Mario. **Construtivismo e educação**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1997.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-105.

CLARO, Luciana dos Santos; NOJIMA, Vera Lúcia M. S. **Comunicação visual no ensino fundamental**. In: 3º Congresso Internacional de Design da Informação, 2007, Curitiba.

COUTO, Rita Maria de Souza. **Movimento interdisciplinar de designers brasileiros em busca de educação avançada**. 1997. 246f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1997.

CRENZEL, Silvina Ruth; CLARO, Luciana dos Santos; NOJIMA, Vera Lúcia M. S. **Gata Azul, Sapo Amarelo: As preferências cromáticas de crianças para ilustrações em livros infantis**. In: 7º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2006, Curitiba.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARBIARZ, Alexandre. **O(s) lugar(es) do design(er) na construção de um curso à distância on-line**. 2007. 164f. Tese (Doutorado) - Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Design, Rio de Janeiro, 2007.

FARBIARZ, Jackeline Lima. **Design**: campo de conhecimento interdisciplinar. Aula, ART2240 Comunicação no processo de design, para pós-graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 15 ago. 2007.

FONTANA, Lucia Lazotti. **Comunicación visual y escuela**: aspectos psicopedagógicos del lenguaje visual. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.

FOSNOT, Catherine Twomey. **Construtivismo**: teoria, perspectivas e prática. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico**: uma metodologia criativa. São Paulo: Rosari, 2006.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Design do Objeto**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

GUIBERT, In SENAI. Departamento Regional de São Paulo. **Manual de elaboração de material didático impresso** /. São Paulo: SENAI 1994. 121p.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

HELMING, Helene. **El sistema montessori**. Barcelona: L. Miracle, 1970.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E. P. U., 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, métodos e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

NOJIMA, Vera Lúcia M. S. Comunicação e leitura não-verbal. In: COUTO, Rita Maria de Souza; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. (Org.). **Formas do design**: por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.

NOJIMA, Vera Lúcia M. S.; DE LEON, Márcia Ponce; ALMEIDA JUNIOR, Licínio N. de. **A transversalidade como prática nas linhas e “entrelinhas” do design**. In: 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2006, Curitiba.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

PAP – Programa do Artesanato Paranaense e CUNHA, Marilisa F. *et al.* (org.). **Desvendando o artesanato**. Curitiba: Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTA MARIA, L. E. **Ergonomização da interação humano-computador: Leiturabilidade em terminais de vídeo de computador.** 2002. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes & Design, Rio de Janeiro, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação & pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker, 2001.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SENAI. Departamento Regional de São Paulo. **Manual de elaboração de material didático impresso /.** São Paulo: SENAI 1994. 121p.

SILVA, Simone Albertino da; CIPINIUK, Alberto. **O design de cartazes no cinema marginal e na pornochanchada.** 2008. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes & Design, Rio de Janeiro, 2008.

SOBRAL, Marcella. **Aprendendo a pensar.** O Globo. Revista O Globo, Rio de Janeiro, n. 173, p. 20-23, nov. 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene T. **Homem, comunicação e cor.** São Paulo: Ícone Editora, 2000.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Artesanato Brasileiro.** 3. ed. Rio de Janeiro: Edição FUNARTE, 1986.

## Referências Eletrônicas

BRASIL, **Decreto-lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=content&task=view&id=78&Itemid=221>>. Acesso em: 04 jun. 2007.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série.** vol. 10.1, Temas transversais - Apresentação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=264&Itemid=254>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

EMANUEL, Teresa Cristina de Oliveira. A Pedagogia Waldorf. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco.** Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per14.htm>>. Acesso em: 21 set. 2007.

FOLHA ONLINE. **Conheça os principais métodos pedagógicos que existem no Brasil.** Seção Escola: como escolher. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/guia\\_para\\_pais-metodos.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/guia_para_pais-metodos.shtml)>. Acesso em: 21 set. 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Português**. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=artesanato&x=21&y=11&stype=k>>. Acesso em: 22 nov. 2007.

ICSID – International Council of Societies of Industrial Design, IDA – International Design Alliance. **Definition of Design**. Disponível em: <[http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm?query\\_page=1](http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm?query_page=1)>. Acesso em: 22 nov. 2007.

MELLO, Rosângela Menta. **Tecnologia educacional**. 2004. Disponível em <[http://www.escolabr.com/virtual/crte/modulo\\_novos/imersao/producoes/tecnologias\\_ensino.doc](http://www.escolabr.com/virtual/crte/modulo_novos/imersao/producoes/tecnologias_ensino.doc)> Acesso em: 09 maio 2007.

MILLER, William R. **Definition of Design**. Disponível em <<http://static.userland.com/rack4/gems/wrmdesign/DefinitionOfDesign1.doc>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pró-letramento Matemática: Guia do Curso**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007a. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=922>> Acesso em: 16 ago. 2007.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. : Operações com números naturais (fascículo 2). Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007b. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=922> > Acesso em: 16 ago. 2007.

## Referências de outra natureza

PROFESSORA Flavia. **Entrevista 1 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 13 nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Entrevista 2 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 4 ago. 2008.

PROFESSORA Beatriz. **Entrevista 1 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 4 dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Entrevista 2 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 4 ago. 2008.

PROFESSORA Juliana. **Entrevista 1 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 22 nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Entrevista 2 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 5 ago. 2008.

PROFESSORA Fernanda. **Entrevista 1 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 29 mai. 2008.

\_\_\_\_\_. **Entrevista 2 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 11 jul. 2008.

PROFESSORA Marina. **Entrevista 1 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 11 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **Entrevista 2 concedida à Luciana dos Santos Claro**. 11 jul. 2008.

PROFESSORA Bruna. **Entrevista 1 concedida à Luciana dos Santos Claro.** 11 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **Entrevista 2 concedida à Luciana dos Santos Claro.** 11 jul. 2008.

PROFESSORES Suzana, Bernardo, Patricia, Rogerio, Cristiane, Felipe, Daniela, Marcus, Ana Cláudia. **Entrevista concedida à Luciana dos Santos Claro.** 25 abr. 2007.

## 10 Anexos

### Entrevista 1 com professora do ensino fundamental, primeiro segmento Escola A

1. Nome

Professora **Flavia**

2. Onde se formou?

Eu me formei, na Escola de Formação Carmela Dutra, né? Lá em Madureira.

3. Por que escolheu esta profissão?

Olha, é tenho aproximadamente quase trinta anos de trabalho. Então eu ainda sou daquela época em que o pai orientava, tipo assim, é melhor para a mulher, né? Fazer a formação de professores, ser professora, “tarará, tarará”. Aí nisso, eu fui né? Porque eu me vi naquele caminho, tudo né? Era uma educação mais fechada. Não é a mesma que eu tenho agora em relação com a minha e a minha filha né? Então aí eu fui e gostei. Gostei né? Graças a Deus que gostei.

4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?

Não olha só, eu me formei em 77, aí assim que me formei, trabalhei quatro anos e meio em colégio particular, próximo da minha residência. Fazendo sempre os concursos, né? Da prefeitura, do estado, até que então eu passei para o concurso do estado, né? Aí trabalhei lá... passei primeiro para Duque de Caxias, fiquei quase cinco anos lá, na direção lá, na Rio-Petrópolis (né?) e depois que eu vim para cá para o Instituto. É aqui eu tenho vinte anos de trabalho aqui. Somando tudo vai dar quase trinta anos de exercício.

5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula?

Olha só, eu sempre gostei de tentar (né?) fazer o melhor possível, a gente tem que estar explorando. Dependendo da situação, do tipo de criança (né?), o interesse fica maior, fica mais interessante e ajuda muito na compreensão do que você quer explorar, trabalhar o uso do material didático (né?). Mas eu me vejo agora, neste momento, quando eu comecei a trabalhar aqui no Instituto com isso mais efetivo. Porque quando eu comecei a trabalhar, nesses quatro anos e pouco, no “início” (né?), e mais a escola lá em Duque de Caxias eu trabalhava mas não tanto quanto agora. A gente tem a questão da vivência também (né?) e as pessoas que estão ao seu redor te impulsionam a valorizar cada vez mais esse tipo de material didático. É muito importante, é muito importante mesmo.

6. Quais materiais você produz?

Aí no caso, é... dependendo da série, não é isso? (eu: no caso do primeiro ano) É a gente trabalha muito com a questão de organizar o alfabetário(né?), as letras móveis, que são as letrinhas que são recortadas que dá para formar nomes, frase(né?). A questão da matemática também é muito importante que a gente trabalhe com material de contagem, então dá para você fazer de encarte de jornal... O que você...é legal você pegar esse material e aproximar da realidade da criança, isso é muito legal (né?), porque aí ela vai ver (né?), por exemplo, você pode fazer um dominó de palavras de encarte de supermercado entendeu? Então você tenta aproximar a realidade. Por exemplo, o calendário também é a mesma coisa, é o dia-a-dia dela, o relógio você também pode (né?), então eu acho que o interessante é isso, você construir esses materiais didáticos aproximando da realidade dela. Ela saindo aqui da escola, ela vai ver lá na rua, vai ver nos cartazes, vai ver lá o folder que está escrito lá no teatro, no Metrô, na saída, várias coisas. Isso é legal né? Fazendo uma ponte da realidade, do que ela vê no dia-a-dia. O material didático ser construído em cima desse embasamento

7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?

É porque olha só a gente ainda tem muita dificuldade em relação a alguns materiais, tipo assim, material dourado. Na parte de matemática tem muita coisa que a gente precisava ter e a gente não consegue e quando tem é um só que é para a escola quase toda e nisso perde peça. Tem vários materiais em relação à matemática e em relação também a ciências que a gente não consegue. Na verdade quando eu entrei aqui no Instituto tinha uma sala de... tipo um laboratório aqui no nosso segmento, só que com o tempo foram sumindo tudo, as coisas todas se perderam no meio do caminho. A gente tinha, era tipo uma televisãozinha, que é muito legal, eu me lembro disso porque já trabalhei com segunda série, tem bastante tempo isso. Era uma televisãozinha ali tinha várias telas que era o sistema solar, então você ligava e ficava girando esqueci o nome do negócio, desse aparelho, aí tinha do corpo humano, as partes, dos aparelhos do sistema circulatório. São materiais que melhoram Ontem mesmo, não sei se você viu na televisão que vão implementar um quadro negro diferente e um material que substitui o caderno do aluno. É uma feira que vai acontecer, não sei se é em São Paulo, porque tudo acontece mais para aquele lado de lá a gente sempre fica em segundo plano, mas que eles vão colocar no lugar do caderno. Lembra daquele brinquedinho que apaga, é mais nesse sistema, do aluno. É um material caro, diz que é para a escola pública. Enquanto você ta precisando de um material dourado, e aí como é que fica?

8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?

Ah não... com certeza o material que eu tento produzir. Muito melhor. Eu acho mais atrativo e mais de acordo com realidade deles. Porque você tem um livro, a gente tem que escolher, quase agora, de dois em dois anos, um livro que vem do MEC. Aí você pega, aí ele nunca totalmente de acordo com a realidade, a gente tem que aproximar. E aí se a gente tem nosso... o tipo de trabalho que a gente quer fazer é um pouco distanciado. Sempre a gente tá querendo fazer e valorizando mais o material didático. O livro não fica distante, mas é mais um instrumento que a gente procura incrementar na aula. O mais importante é o material didático que a gente faz no nosso dia-a-dia, no decorrer do ano.

9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

Olha, aqui na nossa escola, a gente troca muito, muitas informações. O que a gente procura aprender, a gente passa uma para a outra. Eu trabalho muito próxima da Penha e da Débora, então a gente faz um curso e vamos juntas aquela coisa toda. Então a gente troca muito. Então, eu curto muito fazer o material, ali eu já vou matando, eu me ponho, tento me pôr no lugar da criança para ver o que eles vão perguntar entendeu? Na construção do próprio material didático, a gente já vai tentando organizar em relação ao conteúdo que a gente quer trabalhar, em cima do material. Construindo fica melhor.

Comentários após a entrevista

O que acontece, tem vinte poucos anos, tem vinte anos que eu trabalho aqui no Instituto, escola de formação de professores. Então o que acontece, eu, Aparecida, tenho um cuidado muito grande com todas as pessoas que batem aqui em relação a estágio. Então eu procuro ajudar, porque, não sei se é porque recentemente, tipo 96 em diante eu voltei a estudar. Terminei o normal, fiz o adicional em 95 mais ou menos, tive filho aquela coisa aí parei aí eu voltei a trabalhar agora a pouco tempo, trabalhar não estudar, e eu procuro atender o que vocês vem tirar de dúvida. A gente recebe muitas pessoas de muitas instituições, tem a Veiga de Almeida, tem vocês que vem... da PUC nunca vem mas é a primeira vez... eu procuro ajudar muito a vocês, porque também a gente tá trocando. Não é? Eu acho legal isso entendeu. É minha característica mesmo, eu gosto de receber e tentar ajudar vocês porque eu já fui a pouco tempo no lugar de vocês, então eu acho legal isso entendeu? E vocês vêm com questões, tenta ajudar, tentar tirar dúvida. Você vem aqui direto onde tem todo esse aparato, toda essa vivência da gente trocando com vocês, eu acho muito importante. Em todas as áreas, minha filha tá agora fazendo, a questão da enfermagem então ela vê, como é legal, o profissional que já tem um tempo de trabalho, vem orienta, explica essas coisas todas.

Aqui mesmo, dentro da instituição escola, que vocês tem que vir recolher esse material para poder melhorar cada vez mais.

No CAP da UERJ em janeiro eu fiz esse curso, que era, foi uma semana que eles abriram, eu fiquei lá, janeiro né? uma loucura mas eu adorei, eu aprendi muito e fiquei no lugar de estagiária e a muito tempo que eu não ficava, observando a professora trabalhando com as crianças. Aí você vê “ih



legal, isso aí a gente pode aproveitar”, “ih eu já faço isso” mas entendeu? Passa pela questão da pessoa estar aberta a querer melhorar, tem gente que fica um pouco milindrada, com a coisa da pessoa chegar, mas eu não me vejo assim não eu gosto de receber vocês e tentar... não é só para mim a gente tem que aprender.

**Entrevista 1** com professora do ensino fundamental, primeiro segmento Escola A

1. Nome

Professora **Beatriz**

2. Onde se formou?

Inácio Azevedo do Amaral, no Jardim Botânico.

3. Por que escolheu esta profissão?

Isso aí eu tenho um sonho desde pequena. Desde criança, que eu me entendo por gente, a minhas brincadeiras eram de escola e eu gosto me identifico muito com as crianças, né? Então desde pequena, desde criança que eu quero, essa profissão já tá na minha cabeça.

4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?

Trinta anos. Trabalhei oito anos em Nova Iguaçu<sup>18</sup> e vim pra cá em 86, estou aqui desde 86.

5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula?

Bom, eu desde quando comecei eu sempre quis uma coisa diferente, queria sempre uma coisa diferente, do que eu fui... da escola que eu tive. Minha escola foi daquelas escolas de repetição, você sabe como é que é. Eu nunca me identifiquei com essa escola. Mas apesar disso tinha muito pouca experiência, eu me formei em 76 e trabalhei em 77 assim dois meses três meses depois comecei a trabalhar, então não tinha experiência. Lá onde eu estava eu fazia material, cartazes, mas não era a mesma coisa que na nossa sala, lá era uma sala dividida com o ginásio e não poderia ter cartazes, não poderia ter muito material. Mas a gente tentava fazer, eu montei cartilha para as crianças, entendeu? Eu fazia, mas não era... quando eu cheguei aqui, já tinha uma liberdade, entendeu? Sempre gostei de fazer, coisas que as crianças produzam. Eu nunca... não sei se é porque eu não tenho essa habilidade de fazer desenho, pra cartaz, por exemplo, o estilo né? Preocupada com a estética né? Eu mesma fazer, eu mesma não tenho essa preocupação, porque eu não tenho essa habilidade. Tenho as idéias, mas na hora de colocar em prática, você precisa da ajuda de alguém pra poder fazer, pra ficar perfeito. Nunca tive essa pretensão. Então eu sempre acho que as crianças têm que fazer, eu acho que eles fazem, saem coisas muito legais, melhor do que se eu estivesse fazendo e acho que aprendem muito mais. Eles estão ali praticando, estão dentro do contexto que está sendo trabalhado. Nunca fui de trazer pronto, muito pouca coisa eu trago pronta, eu sempre faço tudo com eles.

---

<sup>P</sup> Problemas com áudio, não compreendi a escola em que ela trabalhou.

6. Quais materiais você produz?

Faz cartaz, construímos brinquedos, nós fazemos... até confeccionar coisas que... objetos mesmo de uso deles, entendeu? Essas lixeirinhas, geralmente eles ajudam a gente a fazer essas coisas. Tudo que está na sala a gente procura fazer com eles, alguma coisa tem que ter a cara deles. Porque senão não é.... acho não tem... Porque eu trazendo pra eles esse produto pronto, você acaba fazendo por você e eles não tem possibilidade de mostrar criatividade.

7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?

Isso aí... eu também trabalho com transparência na primeira série, tá?<sup>19</sup> Porque no C.A., o que a gente quer. Que eles botem o pensamento pra fora, vamos escrever. Quero que eles botem, o que está sentindo, bote pra fora. Não me preocupo com a escrita ortograficamente correta. Com a estrutura do texto. Mas isso aí em algum ponto, a gente vai , você não tá preocupada estrutura naquele momento, a gente vai informando quando você está construindo junto com ele, ta construindo junto com eles, ta mostrando que tem parágrafo, tudo está sendo trabalhado ali. Claro que eu não quero que eles... fazer isso tudo agora. É uma coisa que eles vão aprendendo no ano. Então na primeira série já começo a trabalhar com isso na escola. Trabalho muito com a transparência também, o que atrapalha também é que às vezes quer trabalhar e não tem. Tem que pegar no CECAV<sup>20</sup>, nem sempre ta disponível. Aí você quer trabalhar uma coisa e não pode, porque não tá funcionando, então isso atrapalha realmente. Mas assim, questão de material, transparência, tem que pagar, tudo que a gente faz o custo é da gente, não é da escola. Tudo é a gente banca. Se quer fazer alguma coisa, que acha louvável, que quer fazer para as crianças, paga ou então não tem como fazer.

8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?

Material. Não suporto livro didático. Não gosto, porque acho que é uma coisa muito limitada. Quer dizer, eu uso assim, como as crianças ganham o livro didático que pra cá do MEC eu não vou descartar a possibilidade de usar. Se tivesse que adotar, comprar, teria que ser um livro, muito, muito legal. Senão, como eles não têm esse estilo do tipo de trabalho que eu, prefiro não ter. Acho que a criança fica... não deixo de usar, sabe? Eu não deixo, só que é o mínimo que eu uso, uma vez ou outra, não sigo o livro, a seqüência do livro, entendeu? Eu vou dando conforme vai aparecendo, eu não suporto, não gosto mesmo. Não gosto de ficar presa a nada. Acho que gosto mais de criar. Acho que eles aprendem muito mais quando, com uma reportagem de jornal,

---

<sup>19</sup> Problemas com áudio, não compreendi o comentário relacionado ao trabalho na primeira série.

<sup>20</sup> Centro de Comunicação Audiovisual

quando estão vendo alguma coisa que está acontecendo, observando, entendeu? Acho que tudo isso é válido.

9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

A gente está dentro do contexto, você tá trabalhando, surge um assunto na sala, que você não prevê, você vai ver, assim... não tá escrito, vou dar isso, isso e isso hoje. Eu venho com várias idéias na cabeça, aí de repente, daquelas idéias que eu tenho não nada eu vou aproveitar, as outras coisas é que eu vou aproveitar. Então aí, o quê que acontece, esses material vai ser produzido na hora. Eles vão ter o contexto, acho que as crianças vão ter mais contexto ali dentro, porque eles vão ser inseridos dentro daquilo que está sendo dado. Não vai ser uma coisa formal, de cima pra baixo, não vai ser imposto, não vai virar imposta. Então eu acho que eles valorizam até mais e eu também valorizo mais. Tanto é que a gente troca alguns materiais, as folhinhas que vem pra mim, às vezes, eu vou falar, nem todas a gente consegue usar, porque é de acordo com o que tá naquela aula. O contexto, o quê tá sendo trabalhado é o mesmo, mas naquele momento, naquele momento aquela folhinha não dá. Aí eu não vou usar aquilo, vou deixar pra... se posteriormente eu for usar. Também quando assim... eu digo assim ó, me dá só o modelo. Quero só o modelo. Que aí conforme eu for aproveitando, vou produzindo o material, vai inserindo na realidade da turma, entendeu? Fica dentro da realidade do que eles estão fazendo.

**Entrevista 1** com professora do ensino fundamental, primeiro segmento Escola A

1. Nome

Professora **Juliana**

2. Onde se formou?

Eu me fiz a formação para professor aqui no Instituto e fiz pedagogia na UERJ

3. Por que escolheu esta profissão?

Ser professora eu sempre gostei mesmo, desde criança, desde pequenininha. Eu nunca tive na cabeça outra profissão a não ser professora. Sempre gostei disso mesmo. A minha família até tem outras professoras, mas a única que dá aula sou eu. E eu gosto mesmo, gosto muito de trabalhar com criança.

4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?

Vinte e dois anos. Eu trabalhei, logo que eu comecei a trabalhar, eu trabalhei, sete anos em duas escolas do Estado, lá em Niterói. Aí eu vim para cá em 1992.

5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula?

Olha, porque só o livro didático não dá conta mesmo. Até ontem eu tava falando com as crianças que eles tavam assim, quando eu começo com o livro e começam com um monte de caras e bocas, dizer que ta com sono, aquela preguiça. O livro realmente não está de acordo com aquilo que eu gosto de trabalhar. Essas folhinhas vem mesmo pra tá é assim, para a gente estar trabalhando aí com as crianças com o que eu gosto de fazer com eles. Com o meu ideal de alfabetização aí eu procuro através das folhinhas, porque o livro não dá conta não.

6. Quais materiais você produz?

As folhinhas mesmo.

7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?

Eu gosto mesmo das folhinhas, mas se tivesse datashow seria muito melhor, não tenha dúvida. Até mesmo agora na faculdade, eu to fazendo a pós-graduação, é tudo em datashow, olha que diferença, nem na UERJ era assim, muito difícil, um professor ou outro, uma disciplina ou outra que trabalhava com datashow. Claro se tivesse datashow, até mesmo retroprojeter, seria

interessante para eles. Seria uma maneira de tá incentivando, para que participassem mais da atividade. Mas eu gosto mesmo das folhinhas.

(eu: então não tem retroprojeto?)

Tem um lá na frente, no prédio central, mas é aquela coisa tem que pedir com antecedência, nem sempre tem disponível.

8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?

O material com certeza, o livro mesmo só pra cumprir, pra não dizer que não tá usando. Mas se eu pudesse não usaria não. Esse livro no caso, que as crianças estão usando esse ano. É muito assim desligado, separado das coisas que a gente trabalha aqui.

9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

Eu sei a realidade das crianças, porque eu gosto de trabalhar. Eu até falei mesmo ontem para eles quando eu falei do livro, se eu pudesse fazer um livro eu faria muito diferente. Eu já começaria com outra realidade que no livro tem umas coisas assim, porque é um livro para o Brasil inteiro, a realidade daqui não é o mesma que do outro estado. Se pudesse dar sugestão seria bem melhor.

Uma vez eu trabalhei aqui com uma colega, que ela muito tempo trabalhou em escola particular. Então ela mostrou uma apostila que eles produziram, que eles professores que produziram nessa escola. Então tudo bonitinho, encadernado. Se tivesse isso aqui seria maravilhoso.

Comentários após a entrevista

O livro é limitado, tem umas coisas assim, uns textos... por exemplo, ontem eu li um texto de duas páginas para criança na alfabetização, não dá. Para algumas crianças, até assim por exemplo, no caso do Douglas. O Douglas, tranqüilo. Mas para outras crianças que tão ainda no processo é complicado. Quê que eu aproveitei daquele texto? Eu li e pronto. Porquê é muito grande, são duas páginas e daquela letrinha estreita, não era nem a de imprensa maiúscula. Não dá. Cada ano que passa em vez de ta melhorando ta piorando. Os livros cada vez tão vindo mais não parece livro para CA, primeiro ano, não parece, não parece.

## Entrevista 1 com professora do ensino fundamental, agrupada III, EscolaB

1. Nome

Professora **Fernanda**

2. Onde se formou?

Bem, em 85 eu me formei no Instituto de Educação no antigo curso normal.

3. Por que escolheu esta profissão?

Na verdade eu tenho uma história de família de professores. Muita gente na área de educação. E aí quando eu entrei no ginásio, no antigo... na quinta série, eu já entrei no Instituto de Educação. E lá é uma escola de formação de professores. E dentro da escola, numa família de educadores, sempre achei que eu levava jeito. Não com o trabalho manual, sim mas eu sempre achei que tinha uma relação boa com criança e com a educação. E aí eu fui ficando e gostei.

4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?

Então, eu me formei em 85. Em 86 fui trabalhar numa escola na Zona Sul, na Ladeira do Ascurra, lá em... perto de Laranjeiras, Cosme Velho. Era uma creche-escola assim muito interessante. Aí matriculei meu filho, eu já tinha um filho, na escola montessoriana, aqui na Aldeia. Aí no ano seguinte eu fui chamada pra fazer estágio nessa escola, que é a Aldeia hoje. E dali de 88 até hoje eu trabalho aqui. Meu segundo emprego, na Aldeia.

5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula?  
(Na Aldeia utilizou-se livro ou sempre foi objeto? Houve período de transição?)

Na verdade a gente tem escolas montessorianas que trabalham com livro didático, como nas escolas tradicionais. A diretora da gente, ela tenta ser fiel ao método. Com classes agrupadas, que não acontece em muitas escolas, porque, pra eu trabalhar na escola montessoriana, eu tive que fazer muitos cursos, e esses cursos me deram uma visão de montessori muito grande então a gente eu pude comparar as escolas que realmente seguem uma filosofia e outras que seguem a filosofia e a metodologia montessoriana. A metodologia genuína não usa livro didático. O trabalho é em cima do concreto, a construção do conhecimento em cima do concreto.

6. Quais materiais você produz?

Existe uma linha em cada área de materiais, como se fosse um enxoval. Só que os tempos mudaram, as crianças precisam de fotos coloridas (né?), eles precisam de uma nova roupagem pra alguns materiais, então antigamente eles eram cartões brancos com uma figura. Hoje não. Hoje com computador, hoje

com o apelo da luz do colorido, a gente pegou esses materiais pra criança de hoje, sem graça, e a gente deu uma nova cor, uma nova letra. E a gente monta. Porque a gente acha que ser montessoriano é ter bom senso. Se o trabalho faz com que a criança se desenvolva, sem queimar etapa, de acordo com sua faixa etária, a gente coloca que é montessoriano e a gente adéqua o material ao método.

7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?

Não, por exemplo. A gente tem muita dificuldade porque fazer os materiais... por exemplo toda escola montessoriana tinha que ter um marceneiro, porque nossos materiais são de madeira, a maioria. As vezes a peça se quebra, somem e a gente fica sem. O material a vida inteira foi comprado fora do Brasil, por isso que é um método caro. Porque a gente tem que importar esse material. O que é feito de papel, no computador a gente confecciona. Aí começou a comprar um computador melhor, a estudar um programa melhor, a comprar uma impressora melhor. A gente por exemplo, fizemos um curso no MECA, que é americano, então a gente teve oportunidade de ver como a tecnologia nos Estados Unidos é moderna, aquela coisa toda. Tem umas coisas avançadas, não sei nem se mais avançada, mas avançadas, então a gente pegou o que a gente viu e a gente transformou. A gente fez aqui os materiais e ficaram muito bons.

8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?

Com certeza o material. Por exemplo, um livro didático. A minha formação acadêmica foi em escola tradicional e com livro didático. Hoje eu entendo que o livro didático tem muita coisa boa, mas também tem muita coisa ruim. Então pra você utilizar um livro didático, a gente aqui até usa exercícios de alguns livros e dá pra criança, porque a gente acha muito interessante. Mas a gente via muita bobagem, como nas cartilhas, como nos livros, enfim, então a gente... o quê que acontece, montessori dá a chance da gente não utilizar o que a gente considera ruim, porcaria, entendeu e a gente usa o que é bom. Mas o livro em si, não. Ele todo, da forma que é programado nas escolas tradicionais da página um a página cinquenta, não. Isso a gente não faz.

9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

Muito importante. Por exemplo, eu sou apaixonada pelo método. O método é muito interessante, mas eu entendo que nem todas... porque é que não existem tantas escolas montessorianas assim? Porque é um custo alto. Comprar esses materiais, a manutenção de uma escola montessoriana é muito cara. E aí eu penso que uma filosofia tão bonita, que dá tão certo, por que não as camadas mais populares? Por que não as escolas públicas adotarem esse método? Porque é caro. Porque fica caro. Porque há um desconhecimento e fica caro. Mas a gente tem escolas montessorianas no Peru, no Chile, na África, a gente



tem muitos lugares que não têm dinheiro pra comprar esse material e aí as professoras confeccionam o material de sucata. Os tentos, que a gente usa pedaços de madeira, são feitos com gravetos, a gente usa chapinha, a gente pode usar muita coisa, que não vai deixar de ser montessoriano, porque vai continuar sendo um material de desenvolvimento. Então é importante, por exemplo, em alguns cursos que a gente faz, a gente tem que apresentar materiais criados por nós e reproduzidos de um outro, de um modelo, então é importante que a gente saiba fazer e precisa fazer. A aldeia tem muitos materiais criados por nós mesmos. Por exemplo, a didática de linguagem, a gente não pôde copiar muito nem da italiana, porque é um método genuinamente italiano, e depois ele foi espalhado pelo mundo inteiro e a gente fez um curso muito interessante e importante nos Estados Unidos. Mas quando chega na parte da língua portuguesa, fica diferente, é muito diferente, tanto da Itália, quanto na americana. E aí o que a gente fez? A gente adaptou todo o trabalho de linguagem com a nossa experiência e com as regras gramaticais. Então a gente organizou o trabalho em cima das nossas necessidades. (comentei que além do material de linguagem, que têm objetos de conhecimento de mundo confeccionados por elas, os livros) Que a gente chama de livros montessorianos, que eles acontecem em cima de um trabalho de pesquisa.

Comentários após a entrevista

## Entrevista 1 com professora do ensino fundamental, agrupada III, Escola B

1. Nome

Professora **Marina**

2. Onde se formou?

Na Estácio de Sá

3. Por que escolheu esta profissão?

Professora? Olha, eu nunca trabalhei numa escola tradicional. Sempre trabalhei em escolas com outra metodologia e eu era muito nova quando eu comecei e aquilo me atraiu muito, porque eu sou formada também em Comunicação Social mas eu escolhi o magistério. Foi um coisa que... escolha minha mesmo.

4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?

Trinta anos. (eu: e o tempo todo foi na mesma escola?) Não, vinte anos na Aldeia. Vinte e um, vão fazer agora em setembro. E os outros nove foram em outras duas escolas, acabaram eu acho, não sei.

5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula? (Na Aldeia utilizou-se livro ou sempre foi objeto? Houve período de transição?)

O material? O material não é que a gente observou, a gente nunca teve livro didático mesmo não. O material é da metodologia. Então... já tivemos apostilas, eu ainda não era professora do ensino fundamental, eu era da educação infantil, a professora Fernanda é que era. Mas na metodologia, quando a gente começou a perceber, a gente começou a estudar muito, fazer curso e a perceber a necessidade do material, porque o material ele tá a toda hora aqui né? A gente não precisa tá escrevendo no quadro todo dia que fica uma coisa chata. Aqui eles vão trabalhando todo o conteúdo de primeiro a terceiro ano aqui dentro, tudo tá aqui. Então eles vão trabalhando diariamente, como você observou eles vão... trabalham história, matemática geografia (eu: parte da pedagogia ter o material). Exatamente!

6. Quais materiais você produz?

Linguagem, história, ciências, geografia também, quase tudo, matemática é que é um ou outro que a gente (eu: mais as fichas) As fichas, os problemas, é... tem mais uns dominozinhos que a gente fez, tem... é quase tudo feito pela gente (eu: vocês professoras auxiliam na produção junto com a orientadora pedagógica) Ela tem uma facilidade muito grande com o computador, então...

7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?

Não, aqui a gente tem tudo. Tudo que a gente precisa. Tanto que a gente tem um computador por sala, né? Só a gente tem que solicitar, né? Solicita e dependendo, se for uma coisa muito... eu faço uma lista de material quarta-feira, eu a professora Fernanda junto, aí eu falo Fernanda, vamos confeccionar qual material? Vamos precisar de quê? É quatro pacotes de color set, é por exemplo, esse aqui (apontou um material), foi a Fernanda e a orientadora pedagógica, então elas... se fosse eu e a Fernanda, a gente ia pedir, papel machê, não... esse aqui é o biscuit, massa de biscuit.

8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?

Olha eu nunca trabalhei com livro didático então eu tenho uma coisa que eu nem sei como trabalhar com livro didático. Então a minha experiência é com material, já vinha da educação infantil, eu trabalhei da agrupada I até a agrupada III e a agrupada IV substituindo pessoas, né? Então eu acho que isso aqui o aprendizado fica mais, com o material o aprendizado fica mais consolidado, não fica uma coisa decorada. Eu lembro que meu filho, já tem dezenove anos, ele estudou na Aldeia, ele foi aluno da X, e aqui existia um relógio das eras, que falava o nome dessas eras, cenozóica... quando ele saiu daqui, que ele chegou já no ensino fundamental mas o II, ele foi aprender isso. Aí ele falou “mãe eu só lembrava da X, mostrando o relógio”. E a gente às vezes pensa, vai ensinar cenozóica, paleozóica, sei lá né, essas coisas, pra criança? Mas eles ficou guardado na primeira série, ele estudava na primeira série, então eu acho que é mais, não é consolida mais não é... é uma coisa assim, é que deixa guardado, mesmo que não tenha um aprendizado naquela hora. (eu: até porque o “decoreba” a gente esquece) “Decoreba” esquece, outro dia fui estudar com a minha filha, falei XX não sei isso!

9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

A importância da gente tá nessa produção, é porquê quem tá na sala é a gente, quem sabe das necessidades dos nossos alunos somos nós, então acho que é importante.

Comentários após a entrevista

**Entrevista 1** com professora do ensino fundamental, agrupada III, Escola B

1. Nome

Professora **Bruna**

2. Onde se formou?

Eu me formei no Colégio Estadual Julia Kubitschek, fiz normal. E fiz pedagogia na UERJ.

3. Por que escolheu esta profissão?

Ah é meu sonho de infância, acho que não tem professor que fale outra coisa, né? Sempre cresci com esse sonho.

4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?

Há doze anos. (eu: e foi todo tempo aqui?) Não, não, aqui tô há três anos e os outros anos foi em escola tradicional.

5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula? (Na Aldeia utilizou-se livro ou sempre foi objeto? Houve período de transição?)

Não, não. Assim, é um exercício né. Como eu falei, que eu trabalhei em escola tradicional, muitos anos, então assim, ainda está sendo um exercício, pra eu me conter, e não ir atrás das folhas. Porque o método exige uma outra forma de você trabalhar, né? Mas assim eu estou buscando os trabalhos, o material que a gente usa aqui.

6. Quais materiais você produz?

Na verdade assim, esse ano como a gente entrou esse ano, tanto eu quanto a outra professora, quando nós entramos aqui a sala já tava montada, então todos os materiais que tão aqui na sala a gente não chegou a produzir, nada, a gente já chegou com a sala montada.

7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?

Não, quando a gente tem alguma idéia, a gente sempre leva pra orientadora pedagógica ou ela traz idéias, porque ela vai muito né, a esses congressos, como ela foi ao Chile visitar as escolas, então ela trouxe esse material pra gente começar a produzir. (eu: mas chegar a ter restrição?) Não, não tem, não tem. Acontece assim, por exemplo, se a gente comprar algum tipo de material que não seja compatível com a nossa realidade, a gente vai fazer uma

adaptação. Eu acredito que não deixar de fazer, mas a gente vai ter que fazer certas adaptações.

8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?

Olha esse pergunta é difícil né? Porque assim, não é questão de preferência, é questão de costume eu acho, né? Porque, como eu falei né, ainda to num exercício pra me conter a não procurar os materiais didáticos porque foi minha realidade. Mas eu vejo que esse trabalho com o material, às vezes, o resultado é muito mais satisfatório do que se você for bater na tecla de um livro, né? Como é trabalhado num colégio tradicional.

9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

Sim, eu acho que sim. Até, assim, a produção envolve você tá trabalhando, estudando o material, você tá vendo as possibilidades que o material te dá. Então assim, na hora que você ta envolvido em fazer, você ta trabalhando tudo que você vai né? Você tá planejando tudo aquilo você vai trabalhar, que você pode explorar. De repente chega um material pronto, na sua mão, você vai ter um trabalho maior pra parar, pra estudar, então você não fez parte. Então eu acho que é bom.

Comentários após a entrevista

**Entrevista 2** com **professora Flavia** do ensino fundamental, primeiro segmento, Escola A

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?

O objetivo seria a interpretação do conteúdo que eu quero dar (né?). Procurando puxar mesmo a coisa da brincadeira. Valorizando sempre a coisa da brincadeira, se for um jogo que trabalha matemática (eh) a questão de cartaz... tem que ver também o que a gente pode valorizar (né?), pra poder atingir aquele objetivo. Vai depender do conteúdo que vai ser trabalhado (né?)

2. Como esses objetos funcionam em sala de aula? (têm boa receptividade, alcança suas expectativas?)

Ah! Eles gostam sim, geralmente eles gostam do que tão trabalhando (eu: **alcança o objetivo?**) isso, com certeza!

3. Qual a importância desses veículos no ensino?

Ah eu acho que é primordial. Sem o material... contando com a questão da faixa etária que eu trabalho, que são crianças pequenas, que têm a concentração pequena, você tem que chamar atenção através dos materiais que a gente confecciona, é primordial. Porque eles gostam muito, o colorido, a arrumação, os esquemas que a gente monta (né?). Isso é legal porque ajuda (né?) no que você quer trabalhar (né?). O colorido... ajuda bastante.

4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?

Isso vai depende (não, assim). Tem uns que a gente tem aquele padrão. Mas outros não a gente vai reformulando, porque cada turma tem um interesse (né?). A gente vai adaptando (né?) ao interesse da turma e vai reformulando até pra gente também. Um material diferente (né?). Depende da turma e do momento que vai ser utilizado (né?).

5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?

É variado. A gente procura (né?) selecionar assim, tem muita revista que ta saindo agora (né?) que é sobre... é pro professor utilizar. Não sei se você já viu nas bancas? Tem assim, educação infantil, então tem umas imagens bem legais, entendeu? Que eles vão colocando e a gente aproveita também. Ora também, o material que a gente já tem, a gente refaz, né? E muita coisa a gente vai criando também né? Bota uma florzinha aqui, constrói ali. A gente vai criando também.

6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?

Ah isso aí é primordial. Não, com certeza, tem que tá sempre olhando pra ver se está tudo direitinho e valorizar mais o trabalho todo (né?), o contexto todo do jogo, do que tá sendo apresentado, tem que valorizar né? Porque criança, ela é bem crítica também (né?), então quer dizer, a gente ta apresentando um material, a gente tem que mostrar (né?) o melhor possível, porque a criança, ela é crítica. “Th, não, eu não sei fazer assim não!”. “Ah eu faço o desenho de outra maneira tia!”. “Ah o meu tá melhor! (não sei o quê)”. Então a gente procura fazer, o melhor também, (né?) na imagem e resgatando o que ta precisando dar uma aprimorada ou não, né?

7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?

É. Quando a gente digita, fica uma coisa mais nítida, mais clara. Eu acho que é melhor, até por conta que a criança, quando ela é pequena, ela então tem que ver todos os detalhes, então a gente tem que ter um cuidado maior na hora de dar espaço duplo, na hora, tipo apresentar um texto? Ou uma coisa assim, né? Então tem que fazer com certos cuidados, pra criança de seis, sete anos, que tá começando o processo de alfabetização, né? Então a gente tem que fazer com mais nitidez a letra, o espaçamento um pouco maior, porque ela consegue enxergar e vai tudo junto né? E na hora de favorecer a leitura, pelo contrário ela atrapalha senão tiver esses cuidados, entendeu? A nitidez, a clareza e o espaçamento entre uma palavra e outra, são coisas importantes que a gente tem que ter, quando se trabalha com criança nas séries iniciais, pra poder facilitar, senão ela cansa e não vai querer ler, né? Então tem que ter esses cuidados, pra poder facilitar a leitura né?

8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?

Ah eu acho que é assim, é muito importante porque atrai né? O colorido te chama a atenção. Na verdade as fotos preto e brancas são lindas, né? Mas pra criança, que tá nessa faixa de idade, o colorido é fundamental, entendeu? Eu acho muito importante, que eles gostam. Mesmo você trabalhando com vermelho, mas o fundo branco, vai realçar, entendeu? Então esses contrastes, assim, chama mais atenção da criança né? No mundo que a gente vive (né?), tendo um colorido, fica bem mais atraente, né? A gente costuma até falar na sala, agora a sala ta toda sem nada. Fica totalmente diferente, parece que não tem vida, não é? E a criança, é o contexto da criança, que já é aquela (né), coisa de tá descobrindo as coisas. Senão tiver um colorido, não vai ter nada a ver, né? E acho que, que é primordial pra eles que tão começando, tipo, o colorido é fundamental, com certeza.

9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?

Geralmente trabalha com cartolina, papel quarenta quilo, né? Tem que ser um material que facilite (né?), na hora de você desenhar e tudo né? A gente sempre trabalha com esse material, assim que, até porque eles pedem a lista

de materiais, então a gente tem que aproveitar esse material né? Que tem materiais que são melhores, também, EVA, né? Mas aí a gente não pode pedir na lista, é escola pública, então fica complicado. Ou então a gente compra (né?), tira do nosso bolso, morre um pouquinho (né?), mas a qualidade realmente é melhor, mas a gente trabalha com o material que eles mesmos trazem da lista de materiais. Mas aí é esse material que é básico (né?), uma coisa que seja básica, cartolina, papel quarenta quilos, é... crepom. Essas coisas assim, a gente trabalha, né?

10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?

No caso, essa pesquisa é em função do preço? (eu: não, não, da matéria-prima mesmo. Diversos papéis que existem, as diversas...) Ah tem cada coisa linda, se a gente for no Saara, lá na Cidade, a gente fica fascinada né? Dá vontade de trabalhar com tudo né? Corrugado agora tem colorido. Gente, lembra no meu tempo. Não é mais aquele corrugado, papel... aquela cor horrível né? Mas agora tem colorido, a gente fica louca né? Mas no geral, a gente não pesquisa muito não. Porque eles passam a idéia fechada, de aproveitar o material que eles mesmos mandam na lista de materiais (né?) O fato de que a escola é pública (né?), então a gente tem que aproveitar esse material. E daí, a gente assim, trabalhando vai incrementando, uma coisa aqui, outra lá, né? A gente vai trabalhando né?

11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?

Não Luciana, não. Pelo contrário, eu acho que a gente, eu no caso (né?), aprendo muito com o próprio pessoal da onde a gente trabalha, por onde a gente passa (né?), onde a gente vai. Então você vai lá na pré-escola, tem um material também legal, a gente vai olhando, vai aprendendo, vai trocando, né? Ou vai numa outra escola. O CAP da UERJ que eu fui, já fiz habilitação lá, tem um material também legal, a gente aprende, vai aprendendo lá. Aquele negócio das fotos, dos retratinhos, que eu fiz (né?), aquilo aprendi lá no CAP. Quer dizer, eu acho que é mais assim, a troca, que a gente faz umas com as outras e nos espaços que a gente procura visitar pra conhecer, né? Mas assim, um livro específico, nunca, nunca pensei sobre isso não. Até de repente pode até ser uma idéia, né?

12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?

Ah, acredito que sim. Acho que quanto mais profissionais nessa área (né?) da educação, seria uma situação interessante. Até por conta de que, a escola fica bem mais valorizada se tiver (né?) o profissional também nessa área e vai ajudar mais ainda a gente (né?) pra gente de repente, ter esses outros encaminhamentos (né?) de como poderia trabalhar, outras possibilidades. De repente misturar tintas, as cores assim né? A gente... se pudesse fazer. A gente tem a aula de artes, mas de repente... Nesse ano, nem todo mundo tá tendo, porque só tem um profissional. Quer dizer, tem essas coisas que,



realmente emperra um pouquinho pra gente. Mas, se pudesse seria interessante, né?

13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Ah, com certeza. É importante sim, porque teria outras propostas, umas coisas novas que a gente ia aprender também (né?). De repente a arrumação do cartaz (né?), ou uma questão de um jogo novo, de outra maneira, que seria de repente até pra economizar material ou criar outras coisas, de outra maneira. Acho que seria interessante sim. Sempre é proveitoso (né?), com certeza, né?

**Entrevista 2** com **professora Beatriz** do ensino fundamental, primeiro segmento, Escola A

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?

Que as crianças utilizem aquele material, tá? Que seja utilizado, sirva até pra passar pra outras pessoas, pra dar idéias as outras pessoas também, de trabalhar

2. Como esses objetos funcionam em sala de aula? (têm boa receptividade, alcança suas expectativas?)

Eu acho que, que resolve sim, porque eles começam do lúdico, da prática mesmo, praticando, usando, utilizando. Até na maneira deles fazerem, estão aprendendo coisas ali também, tá? Então eu acho que é bem útil, eles continuam depois utilizando esse material. Os jogos, na questão das brincadeiras também, eles continuam usando.

3. Qual a importância desses veículos no ensino?

Eu acho que é mais vida pras crianças, entendeu? Eles vão utilizar coisas que são concretas, eles mesmo fizeram. O sentido, acaba dando um sentido pra eles, tá? Eu acho que é isso. Tem um sentido pra... eu não faço um jogo só por fazer, quando eu faço, eles tem que ter um sentido, Se a turma... eu proponho um... fazer uma coisa, um material qualquer, se a turma, não tiver sentido pra eles, eles não vão, não vão aceitar. Então eu não obrigo, uma coisa não é obrigatória, entendeu? Tem que ter aquele sentido, tem que ter aquele prazer em fazer, tá? Pra que eles possam também aprender alguma coisa. Se não for assim, eles não vão... né?

4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?

Bom, eu tenho algumas propostas, que eu já venho, uso bastante. Mas só que cada uma, a gente acaba não fazendo, não é igual, tá? Cada proposta, mesmo você propondo a turma a mesma coisa, a reação da turma é diferente, você vai por caminhos diferentes e de repente você faz, você propõe a mesma proposta, surgem outros instrumentos que você...que podem ser utilizados, entendeu? A gente constrói, por exemplo, brinquedos, a gente propõe fazer um brinquedo, a proposta é a mesma, o brinquedo a gente vai ficar brincando, mas os brinquedos que vão surgir, não são os mesmos, geralmente não são os mesmos que são repetidos sempre. Alguns aparecem outros não, e os jogos também.

5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?

É, tem vários lugares. Tem coisa que você pega de jornal, tem outras que você pega de revista, desenho da própria criança, né? A gente utiliza também o desenho da própria criança pra fazer o jogo, pra fazer um jogo de quebra-cabeça, eles fazem um desenho, a gente recorta e bota, entendeu? Fazer um jogo de dominó, eles podem também criar o desenho ali, entendeu?

6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?

Ah, seleciona. Por exemplo, a gente realmente, quando a faz esse negócio, essas coisas, essa parte de material de imagens, geralmente as crianças também trazem, né? Trazem com eles, nada que eu faço, eu trago pronto pra eles fazerem. Alguma coisa tem um modelo, mas muitas vezes, é eles que trazem as coisas, o material né? Aí a gente vai criando na hora. E... aí seleciona, quando dá pra usar a gente usa, quando não dá... Não pode porque tá pequeno, tá muito grande, entendeu?

7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?

É, porque a gente usa, por exemplo, a gente usa muito a caixa alta, né? Até mesmo pra cartaz. Eu mostro pras crianças que quando você vai fazer um cartaz, vai fazer um... chamar a atenção de alguém pra alguma coisa, você tem que fazer uma letra que as pessoas entendam, tem que ser legível, né? Geralmente a caixa alta, acho que é até mais legível, porque nem toda letra cursiva é legível. Então eu procuro falar isso pra eles, procuro propor a eles, que façam na questão de cartazes, de murais, de coisa, pra usar a caixa alta, mas nem sempre. Porque quando eles adquirem a letra cursiva, nem sempre eles querem voltar, mas a gente convence e alguns fazem entendeu? Mas eu procuro mostrar pra eles que tem que ter uma legibilidade na letra que eles vão fazer, que todo mundo... O tamanho também seja maior, porque escrevem pequenininho, apesar da gente mostrar um papel grande, aí tem que aumentar a letra. Não, as pessoas não vão enxergar com essa letra. Qual é a letra que destaca mais, maior ou menor, entendeu?

8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?

Acho que dá mais vida, né? Fica mais, assim, mais vivo, mais, mais alegre, né? Não quero descartar também o grafismo né? Que tem criança que não é muito de colorir, é mais de grafitar mesmo, tem que respeitar esse lado também da criança, tá?

9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?

É, eu procuro, quando eu vou montar um cartaz, dependendo da onde eu vou colocar esse cartaz, eu procuro ver o papel, se papel pardo fica melhor, se papel quarenta quilos fica melhor, se é cartolina colorida também entendeu? (eu: você costuma fazer essa triagenzinha). É, mas aí tem também, vai ter que ver também a disponibilidade do material que a gente tem na sala. Nem

sempre a gente consegue fazer, porque tem a disponibilidade do material, que a gente não tem, tá?

10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?

Não, eu trabalho com o material que eu tenho na sala (eu: não tem nem como...). Não. (eu: não vale a pena fazer o levantamento do material...) De repente, se eu tiver condição, se eu ver que tem condição, de repente... mas por enquanto, é o material que a gente tem na sala, que é o recurso que a gente tem.

11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?

Eu sou sincera, uso mais a intuição. Vou fazendo conforme a criatividade da criança, vou criando na hora, vai surgindo idéias, a gente vai entrando no clima e vai (eu: é mais da vivência). É mais a vivência, da situação que tá acontecendo ali, não é? Entendeu? Do sentido que tem pra eles ou não.

12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?

Acho que... é porque... é a preocupação que eu não tenho, que é com a estética, né? Talvez eu não tenha essa preocupação, apesar de melhorar bastante ao longo do tempo, eu acreditar que já melhorei, antes eu tinha menos preocupação do que tenho hoje, eu costumo fazer com as crianças, mostrar pra eles que tem que melhorar, todo mundo tem que ver, tem que ver o que é bonito. Eu não tenho, de repente pra esse lado, né? De ver...

13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Iam crescer, ficar um trabalho bem melhor. Ia ficar um trabalho bem melhor, entendeu? Bem mais, bem mais aprimorado, né? Mais assim, mais esteticamente correto, né? Não sei...

**Entrevista 2** com **professora Juliana** do ensino fundamental, primeiro segmento, Escola A

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?

O material né? É assim, melhorar mesmo o material, como eu já te falei da outra vez, o material que vem pra escola, não é assim adequado pra gente, pra nossas crianças, porque vem assim coisas que não são mesmo para o nível deles, a gente que já conhece a turma, já conhece a realidade. Aí a gente tenta através do nosso material produzir uma coisa mais adequada.

2. Como esses objetos funcionam em sala de aula? (têm boa receptividade, alcança suas expectativas?)

Tem, melhor até do que os livros. (eu: alcança seus objetivos?) Alcança os objetivos. Porque você acaba dando, assim por exemplo, folhinhas. Aí você dá aquela folhinha, já tem o seu objetivo, você já vê, já acompanha as crianças, é muito melhor do que você dar um livro já, que eles já começam a querer folhear o livro, leva pra casa começa a fazer coisa que você não mandou fazer, que ainda não ta na época. Aí eu acho que a folhinha atende melhor.

3. Qual a importância desses veículos no ensino?

É mesmo aquela coisa, de tá adequando a realidade das crianças, da sala de aula (né?), meus alunos. Tá facilitando até mesmo o meu trabalho, né? Porque é uma coisa que eu produzi, então eu já sei os objetivos, que é bem melhor.

4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?

Não porque, eu vou tirando coisas assim... eu pego coisas de revista em quadrinhos, que a gente trabalha também com questão de quadrinhos, de revistinha de passatempo, revistas do tipo da Recreio, coisas assim de jornal. Então eu vou pegando coisas variadas, então assim, não tem um modelo só, eu acho que não é padronizado.

5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?

Às vezes eu tiro da internet, outras vezes eu tiro xerox mesmo de livros, de revistinhas, de passatempo.

6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?

Às vezes sim. Porque às vezes você assim, tem um material que tem muita coisa escrita e sobra pouco espaço pra figura, mas você quer botar uma figura, aí você vai botar uma menorzinha. Aí eu boto uma menor. Mas quando eu

tenho a intenção de que eles pintem, que eles têm essa vontade de ilustrar, aí eu ponho uma coisa maior.

7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?

Pra eles, nesse momento do primeiro ano é. Que é a letra de imprensa maiúscula.

8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?

Ah eu gosto de coisa colorida e acho que criança também gosta. Porque aquela coisa assim só preto e branco ou então só uma cor acho que não é legal não. Eu gosto mesmo de tá variando mesmo. Colorido atraindo mais.

9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?

Existe sim, claro. Tem coisas assim que eu prefiro usar o papel pardo, assim em determinado cartaz, determinado material, outro papel 40kg, outro a cartolina...

10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?

Normalmente não.

11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?

Não.

12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?

Com certeza. Se tivesse seria maravilhoso, justamente nessa parte, que a gente não faz a pesquisa sobre material, até porque a gente não tem conhecimento (não é?). A não ser aqueles que a gente usa pra reciclagem mesmo, o potinho pra guardar lápis de cor, então essa coisa toda que a gente prefere que eles tragam garrafas PET, que a gente corta, ilustra e diz a gente ta fazendo uma, não seria nem uma reciclagem, a gente ta reutilizando esse material, que iria pro lixo, pra gente trabalhar o meio-ambiente. Mas fora isso, ter um designer, nossa seria maravilhoso

13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Com certeza. Era tudo que a gente queria.

**Entrevista 2 com professora Fernanda** do ensino fundamental, agrupada III, Escola B

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?

Tem, tem. Eu acho que a primeira coisa, é porque o método, a metodologia montessoriana, ela é em cima de material concreto, então na verdade, quando a criança constrói o conhecimento dela, ela tendo um aparato, um objeto, vai auxiliar no entendimento dela. Então, assim, na verdade, esse objeto, esse material, vai fazer com que a criança entenda, as etapas do trabalho. E como a criança tá na fase do concreto, a nossa faixa etária não tá ainda no período abstrato, das operações formais, segundo Piaget, e isso vai auxiliar o entendimento, a compreensão.

2. Como esses objetos funcionam em sala de aula? (têm boa receptividade, alcança suas expectativas?)

É. Na verdade é um material que a gente tem que ficar apresentando pro aluno, principalmente o aluno de hoje, que o material, que o brinquedo é eletrônico, a gente precisa tá apresentando o tempo todo. Então, na verdade, como a gente não tem livro, a gente não tem, é... um caderno de cada matéria... O material ele tem uma receptividade boa, mas ele precisa ser apresentado pelo professor o tempo todo. Porque a criança hoje não valoriza tanto o material que vai ser manipulado por ele o tempo todo e o efeito eletrônico chama mais atenção da criança de hoje, em 2008.

3. Qual a importância desses veículos no ensino?

Por exemplo, é eu vejo um aluno meu hoje, trabalhando com esses objetos. E vejo um aluno que foi embora, porque já tá no ensino médio, um filho meu que já passou por aqui, e ele diz assim... por exemplo, o mesmo material dessa minha turma ele cabe pros seis anos, pros sete anos e pros oito anos. O que acontece, a cada ano, a cada olhar, a cada experimentação, a criança vai ampliando o seu conhecimento. Então, o que acontece, aquele material vai fazer com que a criança, é... assim... nível de compreensão cerebral. Ela vai, chama a cor dele, o objetivo dele que é claro, o objetivo específico é exato. Ele olha pra aquilo e já chama a atenção pra... já rememora um conteúdo, um conceito. E aí, conforme ela for trabalhando, fazendo variação e extensão, aquele material, aquele conceito fica sendo sistematizado, tá entendendo? Então, aí a criança... hoje eu lembro que, um aluno meu disse assim “puxa, quando eu fui trabalhar geometria no ginásio, Fernanda, eu pensei logo na caixa de triangulação, então eu fiquei tão feliz, tão feliz de entender, de ter uma imagem mental daquele material que quando eu fui fazer a fórmula, aquilo já estava, já estava na minha cabeça”. Ainda falaram assim “Fernanda, as crianças que trabalham, que trabalharam com material concreto, elas são muito diferentes, das crianças que nunca trabalharam” (eu: a percepção fica, a imagem visual, fica na sua cabeça) Exatamente, e outra coisa, o sensorial, por exemplo. O que é... a gente tem uma matéria que é educação sensorial, então na verdade, o que é uma educação sensorial? Educação que trabalha com os

sentidos. Se você tem um objeto, um material, que tá trabalhando ali o sentido visual, porque na verdade Montessori diz que quando o material propicia os três sentidos, a aprendizagem se dá melhor. Então ele é tátil, ele é visual e auditivo, pode ser auditivo, uma caixa de rumores. Então na verdade, quando você tá trabalhando, aguçando esses sentidos, você tem uma aprendizagem mais fácil, melhor, de significado, na verdade.

4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?

Ah sim. A gente tem, na verdade, o material montessoriano ele tem algumas qualidades, ele precisa ter algumas qualidades. Ele tem que ser claro, ele tem que ser bonito, harmonioso, ele tem que ser, é... a gente que isolar o estímulo, por exemplo, um material, ele não pode dar margem de dúvida. Então, a criança não pode ter dúvida na hora de trabalhar com ele, a criança tem que saber pra quê, que aquele material serve de imediato. Mesmo que você não diga pra ele, porque ele tem que... o objetivo tem que ser direto, claro.

5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?

Pois é, isso é muito interessante. A gente não gosta de usar quadrinhos, por exemplo, numa imagem de desenho animado, a gente não gosta de colocar um coelho, um coelho que seja o Pernalonga. A gente usa um coelho de verdade, o real. Então na verdade, a gravura, que é o bidimensional, ela precisa retratar uma realidade, a que a gente vive, a realidade do mundo (eu: e aí vocês vão pesquisar isso em revista...) Isso em revista, por exemplo, catálogos, a gente vai tentando, de livros, até, vai tentando tirar, o mais nítido e o mais real possível, próximo da criança.

6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?

Existe, existe. Por exemplo, educação infantil, a imagem tem que ser o mais clara possível. A gente não bota muito estímulo, num bota uma cena muito rebuscada, porque a gente quer buscar um objetivo, porque a gente tá trabalhando aquele animal. Com as crianças maiores, a gente pode usar uma cena menor, um animal menor, um animal dentro da toca, porque aquilo vai fazer com que a criança entenda o contexto que a gente quer. Então na verdade, existe uma preocupação, de acordo com aquela faixa etária, pra aquela gravura ser direcionada pra faixa etária que ela entenda... aquela imagem.

7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?

É. É, na verdade, a gente tenta fazer com que a criança, por exemplo, a criança... a gente tem o período anterior a alfabetização, nos cinco, seis anos, quando a criança já começa a ser alfabetizada desde pequena, pequena,



olhando as letras e tudo mais. E depois, que a criança é alfabetizada em si e a criança vai trabalhando aquela, toda (como eu posso dizer) o objetivo da alfabetização. Então na verdade a gente tenta ser coerente, tentar pegar uma letra que a criança entenda, mas nada impede da gente apresentar uma outra letra pra ela. Que eu acho importante isso, ela conseguir, por exemplo, depois dos seis anos a criança já tenha a condição de ler as letras (eu: até porque você tá permeado por um mundo todo, por outras, no outdoor, na revista em quadrinhos). Exatamente, exatamente. É outro tipo de comunicação.

8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?

Ah, então, a cor no caso ela vai fazer relações daquele objetivo. A cor tem a ver com harmonia, a cor tem a ver com o mundo, que é todo colorido, a cor vai passar uma mensagem. Se for branco passa uma mensagem, se for vermelho passa outra mensagem. Por exemplo, a gente tem um material de animal, todo material de animal tem uma frisa, tem um fundo vermelho, porque já foi, já foi pré-determinado pelo método, entendeu? A gente tem o fundo verde, que a gente já sabe que é a arrumação dos animais, entendeu? É, a gente tem material de matemática, que a unidade tenha uma cor, que é toda verde, a dezena tem uma cor, a centena tem outra. Que isso facilita o entendimento e a compreensão da criança.

9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?

Ah sim. A gente tenta fazer com o que o papel... eu o que eu digo, aqueles papéis... Primeiro que a criança tem que trabalhar com diferentes papéis, é o que a gente acha, entendeu? Então a gente tem a oficina de arte, que a criança faz papel, também, entendeu? Então eu acho que assim, o papel, o papel em si, tem um papel (risos) muito importante pra gente, no sentido da criança... Como a gente vai um trabalho sensorial, de essência, a criança tem que sentir, então ela tem que ver as texturas, eu não sei muito bem, é... textura do papel, se ele é mais fino, se ele é mais grosso, pra quê que ele serve (eu: a gramatura). A gramatura, exatamente. Então é importante. A criança da educação infantil trabalha com diferentes papéis. O que escorrega, o que é plastificado, o que dá pra trabalhar com tinta, o que a cola não enruga. E aí a gente vai... papel mais grosso, papel mais fino, é muito importante o papel.

10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?

Na verdade, assim, desde cedo que a gente faz com que a criança entenda a origem de tudo, né? A origem do alimento, a origem do papel. E a gente tenta, hoje mais ainda por conta da preservação do planeta, é mostrar de onde vem, porque que a gente tem que economizar, porque que a gente tem que reciclar, porque que a gente tem que respeitar. Então, um material que precisa ser valorizado e tudo mais. Então a gente tenta fazer isso. As crianças menores não entendem muito bem, mas os maiores sim, tem entendimento e a gente tenta mostrar pra eles de onde vem cada material (eu: então quando

vocês constroem, tem toda uma preocupação em transmitir isso pra eles? Porque que esse material é usado, não afeta o ambiente, tem uma durabilidade maior...) Isso, exatamente.

11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?

Não, não. Engraçado, eu acho assim, na época que foi pensado esse material, na Segunda Guerra Mundial, mais ou menos, né? Eu acho que diretamente não havia nada (eu: o design surge nessa época) Exatamente, então, pois é, a gente não tem nada naquele momento, diretamente falando, de uma forma direta. Mas eu acho que indiretamente existe uma preocupação, com o visual do material, com... como eu posso... com o objetivo daquele material, com a forma de apresentação dele, entendeu?

12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?

Não, com certeza. Eu acho que deveria, até hoje Luciana é o que eu falo, como foi importante a sua vinda pra cá, como melhorou a nossa qualidade de trabalho, por exemplo, a gente, na pedagogia, no magistério, no curso normal, a gente dá pinceladas, sem saber a explicação de muita coisa. E eu acho que com o trabalho que vocês fazem (né?), com o que vocês aprendem, com o que vocês... a experiência que vocês trazem pro magistério é importantíssima. Porque eu acho que pedagogia, aliada ao design ia fazer com que a criança lucrasse mais com isso. Ela ia ter um entendimento científico. A gente com a parte pedagógica, com o caminho e vocês com... na confecção do material.

13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Muito importante, muito importante, muito importante. Por exemplo, a junção, a junção desse material, desse material, desses profissionais, por exemplo, aqui eu consegui ver, eu não conhecia o trabalho de designer assim na educação e nos poucos momentos que a gente conseguiu conversar sobre aquilo “você Fernanda, você não acha que isso aqui tem a ver com isso aqui? Você não podia fazer assim? Na confecção do livro, você não podia fazer assim?” Então quer dizer, coisas que eu nunca tinha visto, entendeu? Eu achei que deu muito certo, entendeu? Muito interessante. Eu acho que toda escola tinha que ter, tinha que ter um designer aqui.

**Entrevista 2 com professora Marina** do ensino fundamental, agrupada III, Escola B

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?

O objetivo principal é o objetivo do material, né? Claro. Quando a gente tem um objetivo se preocupa em fazer dentro dos padrões montessorianos.

2. Como esses objetos funcionam em sala de aula? (têm boa receptividade, alcança suas expectativas?)

Muito boa. Muito boa, eles gostam muito. (eu: **suprem a necessidade?**) Suprem, a gente apresenta o material, eles depois apresentam eles mesmos, pra outros amigos, trabalham sozinhos...

3. Qual a importância desses veículos no ensino?

Olha, tudo que eu te falei. Eu acho que ele consolida mais o aprendizado porque não existe “decoreba”. Existe o aprendizado, né? O construir o aprendizado, o conhecimento, eles vão construindo. Porque, cada ano eles vão tendo, vão passando pelos mesmos, mas sem ter aquela coisa chata de decorar, eu acho que o visual é uma coisa atraente.

4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?

Não tem. A orientadora pedagógica com os estudos dela e com nossos estudos, a gente vai vendo, quer dizer, por exemplo, um material desse aqui, pode ser que numa outra escola seja de madeira e tudo, mas é um material que a gente pega esse padrão montessoriano, de três cartões, (eu: **então é um padrão montessori**) é um padrão.

5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?

É uma pesquisa (eu: **aí vocês imprimem? Também tira de revista**). É. Da internet, depende.

6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?

Ah depende, a gente tem uma coisa muito... você já usou os materiais, você viu que a gente se preocupa muito na realidade, né? No tamanho, na proporção. Você não vai botar um garotinho maior que uma... uma bicicleta maior que um garotinho, só porque quer mostrar, entendeu? Tem essa preocupação.

7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?

Acho, acho. Dá uma passagem legal, ainda mais no primeiro ano.

8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?

Acho, lógico. A cor é tudo né? Você... se fosse tudo branco, não ia ter aquela coisa... quando você vai comprar alguma coisa, você olha pro branco, tudo bem, você precisa de uma roupa branca, né? Mas se tiver o colorido, você vai olhar primeiro o colorido, né? Eu acho muito importante, em tudo, nas imagens, no material, na sala...

9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?

É, tem essa preocupação, tem. Só que eles são plastificados, esse papel, nem sei, é papel comum da professora Fernanda, mas a gente plastifica pra ter uma durabilidade.

10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?

É a gente se encontra, pra gente ver o que a gente vai precisar usar, como vai fazer. Por exemplo, o sistema solar, vamos fazer de quê? Como é que vai ser? Vamos fazer assim, vamos fazer com papel machê? Esse aqui é a mesma coisa? Então sempre há uma pesquisa.

11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?

É pela experiência montessori e como eu estudei publicidade, aí eu já tenho mais um (eu:  *você está mais inserida nisso. Mas assim, por exemplo, quando vocês estudam, fazem um dos cursos montessori, eles não chegam a indicar uma bibliografia, uma coisa visual?*) Não, não. Olha, pra te falar a verdade, atualmente eu não sei, porque eu não tenho participado desses cursos. (eu: *mas os que você fez?*). Os que eu fui, que eu fiz, não.

12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?

Olha, nunca pensei nisso, nunca pensei. Não tem nem o que te responder. (eu:  *você tem o conhecimento do trabalho do designer?*) Pois é, assim, quanto ao trabalho do designer, isso eu ia te perguntar, o quê você faria dentro de uma escola? Porque isso é um ramo novo né? Do designer... (eu:  *é a nossa profissão, ela é dividida em duas categorias primordiais, hoje em dia, atualmente a gente tem outras habilitações, mas o principal é PP, que é projeto de produto e CV comunicação visual. E aí a gente trata, a gente faz folder, identidade de empresa, a gente faz todo o visual, a gente se pauta em teoria de gestalt da comunicação visual, então, eu não posso falar... vou parar aqui e depois eu falo mais).*

13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Parece. Acho que seria interessante, né? Até porque eu nunca tive essa experiência, de ter um designer trabalhando numa escola. Apesar desses anos todos.

**Entrevista 2 com professora Bruna** do ensino fundamental, agrupada III, Escola B

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?

Não sei, não vejo assim um objetivo. Você tem algumas atenções que você tem que ter em cima desse material, por exemplo, o método montessoriano exige que tudo seja voltado pro belo, né? Pra harmonia do material em si, pra que a criança esteja focada no que você quer atingir no material. Então você tem que ter um certo cuidado pra você produzir isso.

2. Como esses objetos funcionam em sala de aula? (têm boa receptividade, alcança suas expectativas?)

Com certeza, com certeza. Sempre que eles se deparam com um material novo, assim é a sensação, por um bom tempo. Eles querem ficar muito tempo com aquele material, tentam explorar. Eu acho muito legal essa questão de tá várias idades né? Porque cada um vai mostrando o seu modo de ver o material, aí vai explorar.

3. Qual a importância desses veículos no ensino?

Eu acho que fica muito mais internalizado pra criança quando ela aprende através do material do que quando ela decora. Eu tiro por mim, porque eu estudei dez anos em colégio de freira, e esses dez anos foi “decoreba”. Então o que eu tive que decorar, eu não lembro mais (eu: nem eu). Pois é, então eu acho assim, o que eles aprendem, eles aprendem mesmo. Eu fico assim admirada, que a gente tem esse mapa né, de quebra-cabeça, que assim, a princípio é um quebra-cabeça, né? Pra quem chega. É um quebra-cabeça. E outro dia foi muito engraçado, porque eu tenho um aluno que é muito bom mapas, ele gosta mesmo. Então os mapas tavam todos embolados e eu, “vamos me ajudar”, porque eu não estava conseguindo montar o mapa. Aí ele de repente chegou, “o quê que o país – ele falou o nome do país – o quê que esse país ta fazendo no continente africano se ele é do continente...” e sabe era uma peça, que tava fora do lugar. Ele achou que o país tava no continente errado e ele foi lá e catou. Então eu acho que é isso, você internaliza e você não esquece nunca mais, vai pra vida toda.

4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?

É tem um padrão, assim, quando a gente faz um trabalho de ficha, ela sempre tem uma metragem, a cor né? Porque cada material da linguagem, tem uma cor pra cada tipo de trabalho, então esses padrões a gente tem que seguir.

5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?

Ela (orientadora pedagógica) tira da internet.

6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?

É, porque tem que ser uma coisa clara né? Tem que ficar claro pra eles, tem que ficar fácil a identificação, tem essa preocupação sim.

7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?

Eu acho que sim. Assim é a letra mais próxima da que a gente usa, né? Então fica fácil, assim. A gente tem até materiais que a gente faz a mão mesmo, às vezes tem umas coisas que a gente usa a mão, mas essa ta próxima né?

8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?

Ah eu acho que é tudo né? Porque criança nenhuma gosta de nada preto e branco. Eu acho que até a gente né? Fica uma coisa desinteressante, eu acho. Tudo que tem cor, tem vida pra eles, aí atrai mais.

9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?

O cuidado de usar só, assim, é o manuseio, né?

10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?

Olha, em relação ao papel acho que não. A gente tem um padrão também de papel que é o color set. Agora em relação aos materiais isso depende. Por exemplo, eles fizeram aquele sistema solar com papel machê, então eu acho que vai de acordo com o material que você vai fazer.

11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?

Não, eu acho que não.

12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?

Nossa eu acho que ia ser muito interessante né? Porque a gente não tem muitas teorias que ajudariam nessa busca do belo, da harmonia, assim a gente às vezes faz por achar que fica legal, mas...

13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Eu acho que sim, porque assim a gente se preocuparia com a parte pedagógica né? E essa questão da harmonia, do preparo, que é importante aqui no método, seria muito mais fácil vocês como designers captar isso e construir. Porque às vezes, a gente não tem essa habilidade, a gente não tem essa visão. Aí as coisas não ficam tão harmoniosas, tão belas por falta de conhecimento.